

A ALIENAÇÃO À LUZ DE PAUL TILLICH

Gustavo Vargas de Oliveira¹

RESUMO

O conceito de alienação foi criado e usado durante muito tempo em um ambiente filosófico, sempre carregado de perspectivas com relação ao homem e seu estado, logo ele foi recebido e incorporado pela teologia de Paul Tillich e assim ganhou novas colorações, significados, enriquecendo o conceito de pecado, e não só enriquecendo, mas também sendo usado como substituto, sinônimo do termo pecado, e por isso, há não só uma reformulação de significados mas também uma proposta para novas perspectivas em relação ao (estado) pecado e suas implicações e seus efeitos.

Palavras-chave: Alienação. Pecado. Sinônimos. Estado do homem. Implicações.

INTRODUÇÃO

Trataremos do assunto em compartimentos formando seguimentos de raciocínio que irão colaborar para a segmentação do conceito, primeiro veremos alguns autores que colaboraram dentro de uma perspectiva filosófica para a formação e significação do termo alienação, logo após veremos como foi a recepção e apropriação do conceito de alienação pela teologia, porque isso aconteceu e quais foram os novos sentidos e as novas percepções da teologia em relação ao homem, seu estado, suas características e sua identidade. Através desse pensamento veremos o valor relevante do pensamento filosófico para a teologia.

A RECEPÇÃO DO TERMO ALIENAÇÃO NA TEOLOGIA

O termo alienação é derivado do conceito da “consciência feliz”, conceito este criado por Hegel, que deseja se referir ao estado do homem que se encontra separado de sua essência, da sua realidade verdadeira, da realidade à qual pertence, assim toda vez

¹ Bacharelado em Teologia pela faculdade Unida de Vitória (FUV)

que Hegel usa esse termo que se encontra na fenomenologia do Espírito, ele tenta expressar esse estado de desunião.

Não só Hegel usou esse termo de forma marcante, mas também Karl Marx, porém, ao contrário de Hegel que usou a palavra em um sentido metafísico, transcendente, Marx se interessou pela característica “concreta” e “humana” da alienação, que segundo ele está ligado totalmente com a forma que o homem se aliena em relação aos seus produtos produzidos por ele que são para o maior benefício de uma classe dada.

Paul Tillich se apropria do termo de forma que identifica o real estado do homem com o significado do termo alienação, fazendo uma analogia de forma que segundo ele melhor expressa a realidade. Embora não exista a palavra alienação na bíblia, mas apenas palavras parecidas, não é errado usá-la, pois a bíblia esta cheia de passagens que demonstram o caráter alienado do homem, quando por exemplo denuncia o caráter e a identidade atual caída do homem, e por isso Tillich de acordo com a sua perspectiva de teologia da cultura (GIBELLINI, 1998, p.83), acredita que alienação é a melhor palavra para se referir ao homem caído, em estado existencial e não mais essencial como ele propõe em sua teologia sistemática (TILLICH, 2005, p.324). Para entender melhor alienação e suas implicações, precisamos entender o que é pecado para Tillich, que é segundo ele sinônimo de alienação.

De acordo com o senso-comum o pecado é um apenas o ato de transgressão de alguma lei divina, de algum preceito registrado na bíblia, exemplo: A lei diz que não devemos roubar, daí então algum burla a lei roubando alguém, isto que é o significado de pecado de acordo com o senso comum, o ato imoral e rebelde de descumprir ou quebrar alguma lei divina em um dado momento, em certo lugar.

No entanto para Tillich pecado (hamartia) não é apenas o ato de “errar o alvo” ou então “desviar do rumo” (CPAD, 2008), pecado é o estado de inimizade do homem em relação a Deus, o estado onde o homem não se encontra conciliado com Deus, distante de sua essência.

Sendo assim, como devemos então enxergar a transgressão da lei, aquela dita acima que é vista pelo senso comum como pecado, como devemos interpretar o ato do roubo, por exemplo: O ato do roubo deve ser interpretado a luz da alienação do homem, por o homem

estar fora de si, alienado, é que ele peca, que ele transgride, e este ato de transgressão não é nada mais do que um reflexo do estado alienado no qual o homem se encontra, assim, podemos lembrar da explicação de pecado de Alister E. McGrath em sua teologia sistemática de acordo com o pensamento de Agostinho: o pecado é a causa do pecado: a condição pecado do ser humano é a causa do pecado de cada um de nós (MCGRATH, 2005, p. 509). Concluímos então que pecado é a falta de conformidade com a lei moral de Deus quer em ato, disposição ou estado (STRONG, 2003, p. 346-347)

Portanto, ao vermos a definição de pecado, podemos ver agora algumas de suas implicações. Henry Clarence identifica o efeito do pecado nas seguintes áreas: no relacionamento do homem para com Deus, na sua natureza, em seu corpo, e em seu meio ambiente (THIESSEN, 1994, P.179-182). Já L. Berkhof identificou as implicações do pecado nas seguintes áreas e com as seguintes categorias: como uma classe específica do mal, como proprietário de um caráter absoluto, sempre tendo relação com Deus e sua vontade, inclui tanto culpa e corrupção, tendo a sua sede no coração, e não consistindo exclusivamente em ações externas (BERKHOF, 1983, p. 276-279). No entanto, Tillich reflete sobre as implicações do pecado optando por um viés mais reflexivo e renovador em relação a alguns conceitos e ideias já existentes.

ALIENAÇÃO COMO DESCRENÇA

De acordo com o senso comum descrença é o pecado que diz respeito à incredulidade do homem em relação a Deus, Jesus ou ao Espírito Santo, descrença é na visão popular nada mais do que o ceticismo humano em relação a alguma crença em uma divindade, por isso, o termo é ligado tantas vezes ao ateísmo.

No entanto Tillich afirma que descrença não é apenas ou restritamente o ceticismo do homem, o aspecto de descrença, embora também possa envolver o ceticismo humano de forma indireta, é marcado por outra característica que é o fato dele estar totalmente e perdidamente afastado, separado, alienado de sua própria e real essência, ele está longe do centro de tudo e por estar afastado de tudo é que desencadeou nele a vontade de buscar um centro para tudo, mas essa busca não resulta em se chegar ao centro divino do qual ele pertence, mas em seu próprio centro pessoal e individual, que deseja fazer do seu próprio umbigo o centro da vida, do mundo e da verdade, se excluindo assim de todo tipo de solidariedade, compaixão, ou qualquer preocupação em relação ao próximo, ao mundo e a sociedade na qual esta inserida,

resumindo, todo restante do mundo no qual ele está integrado não tem relevância ou importância.

Sendo assim, o estado de descrença é marcado por uma vida totalmente apagada, sem dinâmica, vitalidade, vigor e ânimo, uma vida desestruturada que não constrói a sua casa sobre a Rocha por medo de se aventurar em uma relação íntima viva, feliz ao lado da Rocha que é Jesus de Nazaré, o Filho de Deus.

ALIENAÇÃO COMO HYBRIS

Para refletimos um pouco a respeito do significado de hybris é interessante notarmos a definição de hybris por Aristóteles, e quanto a isso podemos ver que: “Aristóteles definiu Hubris (Hybris) como uma humilhação para a vítima, não por causa de qualquer coisa que tenha acontecido ou que ele tenha feito ou que pudesse fazer contra você, mas meramente o por descaso seu em relação a ela”².

O conceito de hybris como uma forma de alienação faz divisa de fronteiras bem tênues com o conceito de descrença, porém podemos distinguir ambos através de uma peculiaridade, e esta é a vontade do homem de realizar aquilo que a serpente prometeu lá no jardim do Éden, isto é, que comendo o fruto proibido ele seria igual a Deus, confiando nessa falsa promessa é que ele busca de todas as formas elevar a si mesmo com o objetivo de se tornar igual ou maior do que Deus, de forma que ele não venha mais a enxergá-lo como ele realmente é, de forma limitada, dependente, deplorável, por não querer enxergar isto, é que ele vive em busca desse fruto que o tornara igual a Deus.

O ser humano incorre em hybris por não conseguir por suas próprias forças olhar para si mesmo e enxergar sua cegueira, identificar sua necessidade de um salvador, sua dependência e sua nudez, por não ter conhecimento disso, ou por talvez não reconhecer isto é que ele involuntariamente e sem perceber, por ter um caráter excluído e incoerente com a sua real natureza na qual se encontra apartada dela, é que ele tenta se elevar a Deus, e enquanto o Espírito de Deus não brilhar em seu coração dispersando essas trevas soberbas, ele estará incapaz de se enxergar e de se portar em seu devido lugar, como dependente e abaixo de Deus.

² A ENCICLOPÉDIA LIVRE, Wikipédia. **Hubrís**, Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%BAbris>. Acesso em: 30 jun. 2015

ALIENAÇÃO COMO CONCUPISCÊNCIA

Embora o termo concupiscência de acordo com o senso comum esteja atrelado apenas ao pecado sexual, ao adultério, fornicação etc. Tillich reflete sobre o tema reforçando uma idéia que deseja se aproximar ao máximo do sentido e do significado da palavra concupiscência.

Concupiscência não se limita apenas ao desejo sexual pelo sexo oposto ou pelo mesmo sexo, mas sim pelo voraz e insaciável apetite que habita no homem, que o induz a buscar uma satisfação plena por meio de tudo aquilo que ele julga ser possível satisfazê-lo, por estar vazio e incompleto, ele busca então se realizar e se preencher seja buscando seus próprios interesses e fazendo dele o centro da vida (descrença), ou seja, se auto-promovendo a Deus, ou a um ser superior a Deus (hybris).

Portanto, podemos definir concupiscência não pela falta cometida por quebras de alguma lei que diz respeito ao pecado sexual, mas como um desejo voraz de se auto preencher com tudo aquilo que ele julga ser necessário se alimentar para satisfação pessoal, com as próprias palavras de Tillich: Ela é o desejo humano de atrair toda realidade para o próprio eu (TILLICH, 2005, p. 346).

ALIENAÇÃO COMO FATO E COMO ATO

Desde muito tempo, de acordo com a teologia clássica, foi proposta uma idéia de pecado, ou melhor, da raiz do pecado, daí então foi que surgiu o termo pecado original, que é o pecado que é fruto, reflexo do pecado de Adão, que por causa dele foi desencadeado no homem uma predisposição pecaminosa, que acabou afetando toda humanidade, corrompendo-a e a levando-a a se distanciar de Deus.

Entretanto, na perspectiva Tillichiana a história de Adão e Eva e o comer a fruta proibida, não deve ser entendida como um fato que aconteceu há muito tempo atrás, ou como alguns gostam de dizer, como a figura que retrata a janela do tempo.

Adão deve ser entendido como um símbolo da transição entre essência e existência, a perda da “inocência sonhadora” (TILLICH, 2005, p. 328), como símbolo universal que relata sobre o destino universal do ser humano, concluindo nas palavras de Tillich: O pecado não é um ato individual que se tornou um fato universal, mas sim

um fato universal, o pecado como ato individual só efetiva o fato universal de alienação, o pecado individual é o reflexo do pecado como fato universal (TILLICH, 2005, p. 252)

ALIENAÇÃO INDIVIDUAL E COLETIVA

Entre várias diferenças presentes entre um grupo e uma pessoa, podemos destacar a característica presente no grupo social, que é marcada pela característica de ser uma estrutura de poder e como em toda estrutura de poder, há algumas pessoas que determinam regras e leis sócias influenciando o comportamento dos indivíduos que fazem parte do grupo.

Sendo assim, há sempre a quebra de leis dentro de um grupo, e portanto devemos nos perguntar se existe ou não culpa coletiva. Não é o que afirma Paul Tillich, segundo ele por a humanidade estar submetida a um destino universal, logo isto se converte em destino particular, porém continuando universal, sem deixar de sê-lo, todo membro ou indivíduo deste grupo faz parte deste destino, e é incapaz de se livrar dele.

Por isso o indivíduo não será culpado pelo crime cometido por outros cidadãos sem o seu envolvimento, nem por outros crimes efetuados em sua cidade. No entanto, como participantes do destino de sua cidade em particular, e de todo ser humano como um todo, seus atos embora sejam indiretos, cooperam para a formação do destino do qual esta inserido, do qual participam. Sendo assim podemos afirmar uma participação indireta de todo indivíduo nas ações coletivas do grupo no qual estão integrados.

CONCLUSÃO

O tema da alienação a luz de Paul Tillich nos chama a atenção mais uma vez assim como a história já nos mostrou, a importância do uso da filosofia para construirmos novas perspectivas teológicas, seja na área da teologia sistemática como assim usou Tillich, seja em outras áreas como na teologia pastoral. Portanto, devemos olhar para a filosofia como uma amiga que nos ajuda a pensar e repensar nossa teologia, não como inimiga e nem como escrava ou serva, mas como companheira de jornada em busca da forma mais bem apurada da verdade e do bem estar humano, sendo assim, ambas devem dar as mãos e caminhar juntas, em interdependência e tolerância mútua.

REFERÊNCIAS

A ENCICLOPÉDIA LIVRE, Wikipédia. **Hubris**, Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%BAbris>. Acesso em: 30 jun. 2015

BERKHOF, L. **Teologia sistemática**. 6. ed. La Antorcha de Mexico, A.C.: T.E.L.L. 1983.

CASA PUBLICADORA DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS. **Teologia sistemática**. CPAD. Rio de Janeiro. 2008. 302p.

GIBELLINI, Rosini. **Teologia do século XX**. 2. ed. São Paulo, Edições Loyola. 1998. 83p.

MCGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica : uma introdução a teologia cristã**. São Paulo: Shedd publicações. 2005. 509p.

STRONG, Augustus Hopkins. **Teologia sistemática**. São Paulo: Hagnos, 2003. 346-347p.

TERRICABRAS, Josep-Maria. **Dicionário de Filosofia**, São Paulo: edições Loyola. 2000. 83p.

THIENSSEN, Henry Clarence. **Teologia sistemática**. 3. ed. São Paulo: Imprensa Batista Regular do Brasil. 1994. 179-182p.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005. 324p.